

# UMA VIAGEM NO TEMPO: INTERTEXTUALIDADE E COERÊNCIA EM UMA PROPOSTA DE DESLOCAMENTO TEMPORAL

Ana Cecilia Hildebrand Seyboth  
Mirian Schröder

## Introdução

A Linguística Textual (doravante LT) – ciência que assume o texto como seu objeto de estudo – passou por um processo de evolução desde seu início, na década de 60, até os dias atuais. Essa evolução partiu do estudo das frases e das análises transfrásticas, até, finalmente, o texto alcançar o estatuto de unidade a partir da qual se procedem às análises dele e de suas partes menores – as sentenças (BENTES, 2011; KOCH, 2004). Os estudos dos textos, a partir dessa concepção, passaram a ser empreendidos com base em uma *teoria do texto* elaborada por estudiosos da época, que se propunham “a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso” (BENTES, 2011, p. 251). A LT, então, passou a ser considerada “como uma disciplina de caráter multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não-autônoma nem sob seu aspecto formal” (MARCUSCHI, 1998 *apud* BENTES, 2011, p. 252).

As análises textuais, por sua vez, são feitas a partir de diversos mecanismos, utilizados em conformidade com o objeto selecionado para apreciação, podendo estar embasadas na coesão ou na coerência textual. (BENTES, 2011; KOCH, 2004, 2008; KOCH; TRAVAGLIA, 2008; KOCH; ELIAS, 2008). Koch (2004, p. XIII) assevera que tanto a coesão quanto a coerência textual “eram vistas como qualidades ou propriedades do texto”. No entanto, com a referida evolução dos estudos da LT, que quebrou certos paradigmas e conferiu nova visão e concepção a alguns conceitos,

[...] passou-se a postular que a coerência não constitui mera propriedade ou qualidade do texto em si, mas que é um fenômeno muito mais amplo, visto que ela se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional. (KOCH, 2004, p. XIII).

A coerência textual é construída a partir da presença de inúmeros fatores de diversos campos do conhecimento: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 71). Entre os fatores ditos de contextualização, que integra os fatores de coerência, figura a intertextualidade, que consiste na utilização de outros textos, já previamente enunciados, estabelecendo relação com o que se diz, para fazer com que o novo enunciado seja mais facilmente compreendido (BENTES, 2011; KOCH, 2004; KOCH; TRAVAGLIA, 2008).

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relação que um texto mantém com outros textos. (KOCH, 2004, p. 42).

A partir dos pressupostos teóricos supracitados, bem como do que postulam Ingedore Koch (2004, 2008), Koch e Travaglia (2008), Koch e Elias (2008) e Anna Christina Bentes (2011) acerca dos conceitos da LT e dos mecanismos empregados para a análise textual, pretende-se empreender um estudo sobre o capítulo 8 – de título ‘A Máquina do Tempo’ – do livro didático Língua Portuguesa e Literatura, que apresenta ‘o tempo’ como sua temática principal. O que se intenta averiguar é como se dá o processo de intertextualidade na escolha e utilização dos textos do referido capítulo, bem como avaliar a coerência textual existente entre os textos selecionados para abordar o tema da unidade, compreendendo que a coerência é um mecanismo veiculador de sentido e que “o(s) sentido(s) do texto não está/estão no texto em si, mas depende(m) de fatores de diversas ordens: linguísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais” (BENTES, 2011, p. 257).

### **A Coerência Textual e a Intertextualidade: Construção dos Sentidos do Texto e Meandros Interpretativos**

Segundo Bentes (2011, p. 254), “considerar as condições de produção e de recepção dos textos significa, então, passar a encarar os textos não mais como uma estrutura acabada (produto), mas como parte de atividades mais globais e comunicação”. A concepção de texto depreendida a partir da asserção acima leva a uma nova configuração da construção de seus sentidos, uma vez que passa-se a levar em conta a influência de inúmeros fatores exteriores a ele para que se efetive, de fato, tal construção (KOCH, 2004, 2008), uma vez que ele configura-se como “resultado parcial de nossa atividade comunicativa” (KOCH, 2008, p. 26).

Os sentidos do texto se constroem mediante a constatação de dois fenômenos textuais, a saber, a coesão e a coerência. Alguns autores acreditam que ambos apresentam relação entre si, porém, Koch (2008, p. 45) defende tratem-se de fenômenos distintos, que, no entanto, apresentam “zonas mais ou menos amplas de imbricação entre eles, nas quais se torna difícil ou mesmo impossível estabelecer uma separação nítida entre um e outro fenômeno”.

Embora exista essa concepção, para a efetivação da análise a que se propõe o presente trabalho, que é a de verificar o estabelecimento das relações de sentido entre os textos do capítulo do livro didático, o olhar será voltado, pormenorizadamente, para o fenômeno da coerência, uma vez que é ela que determina o sentido global do texto (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 15) e explica a relação de sentido existente entre dois ou mais enunciados.

Bakhtin (1992, p. 291 *apud* KOCH; ELIAS, 2008, p. 78) ilustra muito bem essa concepção, quando advoga que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”, pois deixa claro o conceito de coerência, que é constituído por uma ligação, ainda que ‘virtual’ e indireta, entre os elementos de um texto ou entre textos distintos.

Segundo Koch e Travaglia,

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. (2008, p. 21).

A coerência textual se materializa na constituição de inúmeros fatores que possibilitam o entrelaçamento de informações e dados e a construção do(s) sentido(s) pretendido(s) pelo enunciador/interlocutor, bem como a apreensão desse(s) sentido(s) pelo ouvinte. Entre esses fatores, um deles, de extrema importância, é a intertextualidade. Sua notoriedade decorre do fato de que ela se configura como “dos mais relevantes na construção da coerência textual” (KOCH, 2008, p. 64), sendo que não há a construção de novos enunciados sem que se recorra ao que já foi dito (KOCH, 2004, 2008, KOCH; TRAVAGLIA, 2008, KOCH; ELIAS, 2008).

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis. (BARTHES, 1974 *apud* KOCH, 2008, p. 59).

A intertextualidade, então, constitui-se como “um fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos” (BENTES, 2011, p. 269). Ela se torna crucial no contexto de análise do objeto proposto, tendo em vista que, num capítulo de livro didático de Língua Portuguesa se apresenta uma diversidade de textos que, conjuntamente, são utilizados como ferramenta para promover a reflexão e o aprendizado sobre um tema específico.

O que ocorre, no entanto, é que o texto de origem nem sempre é conhecido pelo ouvinte, causando, em muitos casos, um lapso na compreensão da mensagem ou, talvez, uma compreensão parcial do que foi dito. Logo, “conhecer o texto-fonte permite ao leitor justamente perceber este jogo, mas isso não significa dizer que ele não será capaz de compreendê-lo, caso não conheça o texto retomado” (BENTES, 2011, p. 271).

Assim, identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância. (KOCH; ELIAS, 2008, p. 78).

O estudo do intertexto, porém, desdobra-se em diversas características, necessitando, por essa razão, de uma seleção dos conceitos que se intenta verificar. No caso da análise empreendida neste artigo, será lançado um olhar para a ‘Intertextualidade em sentido estrito’ – que apresenta os tópicos “de conteúdo X de forma/conteúdo; explícita X implícita, entre outros que não serão

averiguados aqui –, que se expressa na relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (KOCH, 2008, p. 62-63).

A intertextualidade de conteúdo X de forma/conteúdo ocorre, segundo Koch (2008, p. 62), entre textos “de uma mesma área ou corrente do conhecimento, que se servem de conceitos e expressões comuns, já definidos em outros textos daquela área ou corrente”. A intertextualidade explícita X implícita, conceitos opostos, configura-se por apresentar ou não citação ou referência às fontes do intertexto – quando é explícita, há citação, quando é implícita, não há citação (KOCH, 2008, p. 63).

Então, baseando-se nos conceitos explicitados acima, intenta-se averiguar sua existência e seu comportamento no objeto selecionado para análise, valendo-se dos conceitos das autoras supracitadas acerca dos estudos do texto.

### “A Máquina do Tempo” - Análise

O oitavo capítulo do livro didático ‘Língua Portuguesa e Literatura’, de autoria de Carmen Rodrigues Fróes Pedrão, traz uma proposta de trabalho acerca do tema ‘tempo’.

Para proceder com seu trabalho, a unidade se inicia com o título “A Máquina do Tempo” e, já na primeira página, apresenta, juntamente com a abertura, um desenho no qual um globo terrestre se parece com uma máquina de viajar no tempo, com fumaça saindo de uma espécie de ‘escapamento’, o que indica que a nave está em movimento, levando duas pessoas pelo espaço. Pode-se perceber, sem muita dificuldade, que a utilização desse recurso imagético se relaciona intimamente com a proposta, uma vez que ilustra um passeio pelo espaço e que a ilustração caracteriza-se como uma “tentativa de chamar a atenção do leitor” (BENTES, 2011, p. 272).

Mantendo-se nesse contexto, a curiosidade dos alunos é estimulada com o seguinte questionamento: “É possível viajar no tempo? Quais os meios de que dispomos para tal?” Quando faz essa pergunta, a autora já propõe ao aluno uma reflexão sobre as formas de se viajar no tempo. A partir dessa proposição, é possível inferir que há mais de uma maneira de se fazer isso, mas que essa empreitada necessita da reflexão dos leitores acerca de como proceder. Contudo, para que se infira o sentido desse questionamento, é crucial que o receptor da mensagem possua certa dose de conhecimento de mundo, visto que ambos os fatores apresentam uma relação para que ocorram.

Inferência é a operação pela qual, utilizando **seu conhecimento de mundo**, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar; ou, então, entre segmentos de texto e os conhecimentos necessários para a sua compreensão. (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 79, grifos meus).

Também na primeira página, o leitor se depara com o haikai de Millôr Fernandes, que dizem: “Morta no chão/a sombra/é uma comparação”. Esse texto não parece apresentar relação de coerência com o tema proposto, porém, “o juízo de incoerência não depende apenas do modo como se combinam elementos linguísticos no texto, mas também de conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como do tipo de texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 10). Ainda, Koch e Travaglia afirmam não ser tarefa fácil classificar um texto como incoerente, uma vez que, segundo Charolles (1987), é sempre possível haver coerência entre textos a partir de contextos específicos que o leitor pode criar para eles. Além disso, se pensarmos nos versos de Millôr de forma cuidadosa, pode-se, de fato, imaginar um contexto em que ele possa ser inserido para que faça sentido, considerando que “um texto sempre será constituído de uma multiplicidade de significações, tudo dependendo de diversos fatores, entre eles, a intenção de quem produz e, da parte do leitor ou destinatário, a disponibilidade de aceitar aquilo que é dito” (BENTES, 2011, p. 273).

Seguindo essa linha e procurando aceitar o que é dito, é possível associar os versos com o tempo se a atenção se voltar para a palavra *morta*. Quem está morto, está estagnado no tempo, ou seja, não se desloca, não viaja. Logo, a sombra, estando morta, não é mais passível de movimento. Essa possibilidade de análise “ratifica a conceituação da coerência como um princípio de interpretabilidade e nos leva à posição de que *não existe o texto incoerente em si, mas que o texto pode ser incoerente em/para determinada situação comunicativa*” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 59, grifos dos autores), o que, nessa situação, não parece ser o caso, uma vez que há formas de se apreender sentido a ele dentro do contexto no qual está inserido.

Para iniciar, efetivamente, o capítulo, na página seguinte há o início de um texto introdutório, aparentemente escrito pela autora da unidade, que alega, em suas primeiras palavras, que “um passeio pelo tempo poderá nos levar a antigas concepções de mundo”. Na sequência, a autora relata como os primeiros humanos compreendiam o tempo e propõe uma leitura de alguns textos bíblicos e sobre mitologia, a título de pesquisa, com o intuito de endossar aquilo que afirmou sobre o fato de que “as primeiras explicações para a existência do mundo e de seu funcionamento eram de natureza mitológica”.

Ao lado desse texto, como a autora propunha o passeio pelo tempo, tem a imagem de um relógio – figura que ilustra muito bem a passagem do tempo e que, por essa razão, também apresenta relação de coerência com o todo da unidade, visto que “a produção de sentido realiza-se à medida que o leitor considera aspectos contextuais que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 59).

Prosseguindo com o texto introdutório, porém, sempre entremeado por proposições de atividades, Pedrão conduz a temática para o Sistema Solar, as concepções sobre a Terra e a evolução que se adquiriu, com o passar do tempo, acerca dessa questão. Ainda, ela cita o Big Bang – explosão que, segundo um viés teórico específico, deu origem ao mundo, remontando, dessa forma aos primórdios de tudo e, por isso, estabelecendo relação de coerência com o capítulo, especialmente quando afirma que “há quem diga que algumas das luzes dessa explosão, após uma viagem no tempo/espço, estejam sendo vistas por nós, habitantes da Terra, somente agora”. Com

essa asserção, além de manter-se focada no tema, ela induz o leitor a pensar sobre a relação entre passado e presente, permanecendo, por isso, na mesma linha de raciocínio.

É necessário, no entanto, ponderar que, dependendo da noção que o aluno tem sobre esse tema, ele pode não compreender satisfatoriamente a relação estabelecida pela autora entre o tempo e o assunto que ela está abordando, pois, segundo Koch e Travaglia (2008, p. 15) “se o conhecimento de mundo é importante, não menos importante é que esse conhecimento seja partilhado pelo produtor e receptor do texto”. Considerando-se que “é impossível que duas pessoas partilhem exatamente o mesmo conhecimento de mundo” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 77), é preciso que o autor de qualquer texto reconheça a necessidade de haver, nos textos produzidos, informações dadas, conhecidas pelo leitor/ouvinte e que não haja somente informações novas no enunciado.

A quantidade de informação nova, se muito alta, pode levar alguém a ver uma sequência linguística como um texto incoerente, porque o mesmo não fará sentido para esta pessoa. Um exemplo disso seria um texto altamente técnico de uma área de conhecimento, lido por um leigo que conhece pouco ou nada desta área. (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 16).

Na sequência dessa parte do texto introdutório, há a proposição de uma atividade interessante. Nesse exercício, é sugerido que o aluno faça uma pesquisa interdisciplinar, na qual poderá conhecer aspectos filosóficos da transformação das concepções de mundo e de tempo. É conveniente o olhar para essa atividade, tendo em vista que a mesma traz em seu cerne aspectos de intertextualidade, a partir do momento em que sugere que os alunos realizem leituras de textos diversos aos do livro didático.

Para Koch e Elias (2008, p. 57), “a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a **mobilização de um vasto conjunto de saberes**” (grifos meus). Pensando sob esse viés, nota-se ainda mais a importância da sugestão de outras leituras, pois a realização das mesmas aprimorará a capacidade do aluno em produzir sentidos, uma vez que o mesmo estará ampliando seu conjunto de saberes.

A partir desse momento, a autora prossegue em seu texto, abordando o conceito de “buraco negro”, que ela explica ser um corpo celeste com alto poder de atração das partículas que se encontram ao seu redor. Após explicar superficialmente o que é um buraco negro, sugere uma leitura mais detalhada – outra proposta interdisciplinar e intertextual – de um texto integrante do livro da disciplina de Física. Porém, a própria autora reconhece que é difícil estabelecer relação entre o assunto que ela está abordando e o tema central da unidade, que é o tempo. Por isso, para finalizar o trecho que fala sobre os buracos negros e avançar na temática inicialmente proposta, ela questiona: “Bem, vocês podem se perguntar, e o que isso tem a ver com viagens no tempo?” e, em seguida, propõe que se continue a leitura, a partir de um texto sobre um buraco negro denominado “Buraco de Verme”, proveniente do *website*

<http://www.geocities.com/pinetjax/11.htm>, que relata uma pesquisa relacionada com a possível existência de um tipo de buraco negro que possibilita viagens no “espaço-tempo”. A partir daí, ela retoma o ponto principal, que é o tempo e as possíveis viagens no tempo.

A relação existente entre os elementos do texto deve-se à intenção do falante, ao plano textual previamente estabelecido, que se manifesta por meio de instruções ao interlocutor para que realize operações cognitivas destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global; ou seja, o ouvinte não se limita a “entender” o texto, no sentido de “captar” apenas o seu conteúdo referencial, mas necessita, isto sim, reconstruir os propósitos comunicativos que tinha o falante ao estrutura-lo, isto é, descobrir o “para quê” do texto. (KOCH, 2004, p. 15, grifos da autora).

A leitura do texto sobre o Buraco de Verme comprova, mais uma vez, a relação de coerência existente entre os textos escolhidos para a composição da unidade analisada, demonstrando, além disso, que “a enunciação é sempre movida por uma intenção de atingir determinado objetivo ilocucional” (KOCH, 2004, p. 17). Além disso, pode-se verificar, também, que “a coerência não se estabelece sem se levar em conta a interação, bem como as crenças, os desejos, as preferências, as normas e os valores dos interlocutores” (VAN DIJK *apud* KOCH, 2004, p. 19).

Para finalizar o texto introdutório, Pedrão afirma não se saber se as viagens no tempo pelos buracos de verme são realmente possíveis, mas que há outro meio de se fazer viagens no tempo, induzindo, a partir desse momento, o estudante a perceber que essas viagens se fazem por meio da leitura. Ao lado dessa última consideração, aparece uma imagem de uma ampulheta de vidro, na qual se nota que o mundo está passando de um lado para o outro do artefato. Como a ampulheta era um objeto utilizado, antigamente, para a contagem do tempo, pode-se, novamente, atestar a relação de coerência existente entre a imagem e o texto.

Mais ainda, atesta-se que, até o momento, há uma estreita relação de coerência textual entre todos os elementos constantes da oitava unidade do livro didático, pois se trata de “uma unidade de sentido que permite estabelecer relação entre seus componentes” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 11).

Partindo da proposta de se fazer uma viagem no tempo por meio da leitura, os textos que aparecem na sequência são chamados de “viagens” que, seguindo uma lógica de aparecimento, são classificadas com números ordinais, a partir do 1º (1ª viagem, 2ª viagem, 3ª viagem e 4ª viagem). Esse procedimento é muito interessante, pois também é, de certa forma, uma maneira de manter estabelecidos os laços de coerência entre os elementos constantes do capítulo, uma vez que segue a linha da proposta inicial da unidade, que era, como já mencionado anteriormente, uma viagem no tempo. Além disso, ele é a resposta para o questionamento proposto no início do capítulo, quando a autora indagou seus leitores sobre os meios que dispomos para realizarmos tal procedimento. As considerações feitas aqui podem ser endossadas pela asserção de Beaugrande & Dressler (1981) e Marcuschi (1983), que postulam que “a base da coerência é a *continuidade de sentidos* entre os

conhecimentos ativados pelas expressões do texto” (*apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 26, grifos dos autores).

Passemos agora à análise das quatro “viagens” propostas por Pedrão. Elas se constituem em quatro textos, sendo dois poemas, um texto científico e uma narração. Todos eles abordam, de certa forma, o tempo. Isso faz com que apresentem relação de coerência e intertextualidade, tanto entre si, quanto com toda a unidade analisada, pois apresentam “uma ideia unificadora que cria uma relação entre os elementos, que constituem o texto à medida que cada um desses elementos (palavras, frases, nomes, etc.) se torna uma instância, um exemplo do elemento unificador” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 31). A relação de coerência existente entre os textos se concretiza, pois,

[...] como vimos, o produtor do texto, em função de sua intenção comunicativa, levando em conta todos os fatores da situação e usando seu conhecimento linguístico, de mundo, etc., constrói o texto, cuja superfície linguística é constituída de pistas que permitem ao receptor calcular o (um) sentido do texto, estabelecendo sua coerência, através da consideração dos mesmos fatores que o produtor e usando os mesmos recursos (conhecimento linguístico, de mundo, etc.). (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 61).

A intertextualidade, por sua vez, ocorre pela relação que se estabelece entre os textos, sendo que “para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 92). Além disso, é possível observar que o processo de intertexto ocorre de forma explícita, que se explica, segundo Koch (2008, p. 63), pela indicação da fonte do texto original.

Falando especificamente da “1ª viagem” – o poema ‘Canção de Muito Longe’, de Mário Quintana –, apreende-se que, além da intertextualidade existente entre o texto e a unidade como um todo e entre o texto e os demais textos constantes da unidade, há um caso de utilização de intertexto dentro do próprio texto. Trata-se de um caso de intertextualidade implícita, que é aquela que “ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto” (KOCH, 2008, p. 63), e de intertextualidade de forma, que segundo Koch e Travaglia (2008, p. 92), “ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados gêneros de discurso”. Essa relação acontece no uso, para a elaboração do poema, de trechos da cantiga “A Canoa Virou”, que aparecem no primeiro, quarto, quinto, penúltimo e último versos. Nessa ocorrência, como já foi dito anteriormente, caso o leitor não conheça a cantiga, terá dificuldades em entender a utilização de certos recursos linguísticos, como por exemplo, os hifens separando as sílabas no primeiro verso ‘Foi-por-cau-as-do-bar-quei-ro’, a junção de todas as palavras e a repetição da vogal ‘o’, no quarto verso ‘Acanoooavirou’, ou as palavras escritas juntas, no quinto ‘Quemfez elavirar’.

Novamente constituindo-se em um caso de intertextualidade explícita, a “2ª viagem” é um poema de Helena Kolody, intitulado ‘Cantiga de Recordar’. Começando pelo título, vê-se que o

termo 'recordar' constitui-se como léxico que remete, novamente, ao tema 'tempo', estabelecendo, mais uma vez, relação de coerência. No decorrer de todo o poema, vê-se que a poetisa relembra acontecimentos passados, retomados pela escolha do léxico 'lembrança' e aos tempos verbais utilizados no passado, - o que faz alusão ao tempo e às viagens possíveis de se fazer através dele. A presença desse poema na unidade auxilia na compreensão do tema e faz com que se reforce a ideia de que é possível fazer viagens no tempo, comprovando que "a coerência se estabelece na interlocução entre os usuários do texto" (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 31).

As duas últimas "viagens" propostas pela autora da oitava unidade do livro didático tratam-se de um texto científico, que fala sobre o discurso histórico e seu objetivo de relacionar passado e presente, e de uma narração, que, fora do tempo cronológico e psicológico em que vivemos, insere-se em um tempo retratado pelo universo fantástico onde os animais falam com pessoas.

Koch e Travaglia (2008, p. 14) asseveram que "o conhecimento dos elementos linguísticos e sua relação, por exemplo, com o **contexto de situação** também é importante para o cálculo do sentido e a percepção de um texto como coerente" (grifos meus). Seguindo essa linha de pensamento, assegura-se que a "3ª viagem" permanece coerente com a proposta inicial, uma vez que fala de tempo, de deslocamento temporal e da relação possível de ser estabelecida entre dois momentos diferentes do tempo, enfatizando o conhecimento histórico, que "ressuscita o passado, procurando restaurá-lo".

A 4ª viagem, por sua vez, aborda uma questão de tempo diversa de todas as abordagens anteriores constituintes do capítulo analisado. Isso faz com que o texto pareça incoerente com a proposta, destoando dos demais procedimentos adotados no decorrer da unidade. Ocorre, porém, que há um viés epistemológico que, como citado anteriormente, defende a não existência de textos incoerentes, uma vez que sempre é possível depreender sentidos para eles, a partir de situações e contextos especificamente criados para essa análise. Logo, a possibilidade de intertextualidade que se desvela, de forma implícita, seria uma relação com o filme "Alice no País das Maravilhas", no qual a protagonista se desloca do tempo real (em sonho) para o tempo/universo fantástico, vivenciando situações que guardam semelhança com as que são narradas no texto da viagem de número 4, até pela presença de um coelho falante. Lançando um olhar sob esse viés, então, é possível estabelecer uma relação de coerência e intertextualidade que, no entanto, estará muito provavelmente comprometida pela falta de conhecimento dos leitores-alvo. Isto, pois, segundo o que postulam Koch e Travaglia (2008, p. 18), "é preciso lembrar que o sentido que damos a um texto pode depender (e com frequência depende) **do conhecimento de outros textos, com os quais ele se relaciona**" (grifos meus).

## Considerações Finais

A coerência é um fenômeno textual amplamente estudado por analisar as possibilidades de construção de sentido entre os elementos de um texto ou, também, entre dois ou mais enunciados, pois “a textualidade ou a textura é aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma **unidade significativa global**” (KOCH; TRAVAGLIA, 1989 *apud* BENTES, 2011, p. 257, grifos meus).

Pensando que “todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe” (KOCH, 2008, p. 59), entendem-se como inevitáveis as relações de intertextualidade entre eles. A intertextualidade é um fator de coerência textual muito importante, pois, de certa forma, relaciona-se com os demais fatores, como conhecimento de mundo, inferência e conhecimento compartilhado, uma vez que os interlocutores precisam mobilizar esses conhecimentos para compreender o que se diz e, a partir deles, construir sentidos para os textos com os quais se deparam diariamente.

Considerando esses postulados e, mais uma vez, lançando o olhar sobre a apreciação que se empreendeu nesse trabalho, pode-se concluir que ela comprova a relação de coerência e intertextualidade existente entre os textos da unidade selecionada para análise. Mais ainda, porém, com o procedimento de análise empreendido para a “4ª viagem”, comprovou-se o que advogam alguns autores, como Charolles (1987 *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2008), que asseveram que, mesmo com a inexistência de referências explícitas de intertexto, é possível criar um contexto que propicie a construção de sentidos, fazendo, dessa forma, com que não existam textos incoerentes – os “não-textos”.

Além disso, foi possível observar que Pedrão teve cuidado em manter um encadeamento lógico de ideias, ainda que no início de sua exposição ele parecesse deslocado, como foi o caso do texto que falava sobre os “buracos negros”. Ela procedeu dessa maneira para chegar ao objetivo que já era possível inferir no início do trabalho, que era o de induzir os estudantes a considerar como hipótese válida a leitura como um meio de “viajar no tempo” e mostrar como esse empreendimento se torna possível e realizável.

Finalmente, não é exagero apontar o esmero com que a autora escolheu os textos que comporiam o capítulo. Suas escolhas também obedeceram um encadeamento lógico, fazendo com que, ao final da unidade, seus objetivos fossem satisfatoriamente alcançados.

## REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 245-287.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. 17. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

VARIOS AUTORES. **Língua Portuguesa e Literatura**. Curitiba: SEED-PR, 2006. – 208 páginas.